

ENTREVISTA/Philip Fearnside

Preservação não traz lucro aos povos da Amazônia

MÔNICA MEDEIROS

O BRASIL — Os povos da Amazônia devem ser recompensados pelo serviço ambiental que prestam ao Mundo, segundo o professor Philip Fearnside, Diretor do Departamento de Ecologia do Instituto de Pesquisa da Amazônia (Inpa) e um dos ganhadores do Prêmio Global 500 deste ano, concedido pela ONU às personalidades que se destacam na defesa do meio ambiente. Ele ressalta que ninguém está pagando o

custo da manutenção da floresta, essencial para todo o Planeta.

Fearnside — um especialista no estudo da capacidade de suporte da floresta (o potencial que ela tem para sustentar uma população sem ser destruída) — destacou que o Brasil tem que negociar os meios de preservação da floresta durante a Rio-92. Os caboclos, a seu ver, devem ser recompensados por manter a floresta, como se vendessem um produto.

Morando na Amazônia há 15 anos, esse

cientista nascido nos Estados Unidos desenvolve suas pesquisas em projetos de colonização ao longo das rodovias Transamazônica e Belém-Brasília. Ele considera um péssimo negócio “vender” a floresta, mesmo do ponto de vista exclusivamente comercial. Se o Brasil esperar mais 20 anos, observa, certamente ganhará muito mais com a venda da madeira do que se cortar as árvores hoje. Segundo Fearnside, as florestas da Ásia e da África estão acabando e, portanto, o preço da madeira se multiplicará.

Ele acusa ainda o Governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, de deturpar as propostas ecologistas, ao afirmar que elas defendem a transformação da Amazônia em um museu, condenando o caboclo à miséria. Segundo o cientista, os ambientalistas são contrários aos grandes projetos com impacto insuportável à floresta e que não trazem benefício algum à população local. “O desenvolvimento sustentado é viável, desde que se respeite a capacidade da floresta de suportar a exploração do homem”, ressalta Fearnside.

O GLOBO — É possível desenvolver a Amazônia sem comprometer a floresta?

FEARNSIDE — O desenvolvimento sustentado, dentro dos limites da capacidade de suporte da floresta, é viável. Mas não se pode imaginar que ele vai resolver os problemas de assentamento do resto do Brasil, como os Governos sempre pensam cada vez que ocorre uma seca no Nordeste ou problemas de agricultura no Sul. A Amazônia não é infinita na sua capacidade de resolver os problemas do País.

O GLOBO — Quais são as conclusões de seu estudo sobre a capacidade de suporte da floresta?

FEARNSIDE — A floresta pode sustentar uma população, através de diversos tipos de atividades, como a extração de produtos naturais, mesmo a madeira. Entretanto, cada área tem um limite bem restrito. Além disso, a rapidez e a quantidade em que é possível retirar riquezas de cada área têm que ser respeitadas.

O GLOBO — Quantas pessoas a floresta é capaz de sustentar sem que seja afetada?

FEARNSIDE — Não se tem um

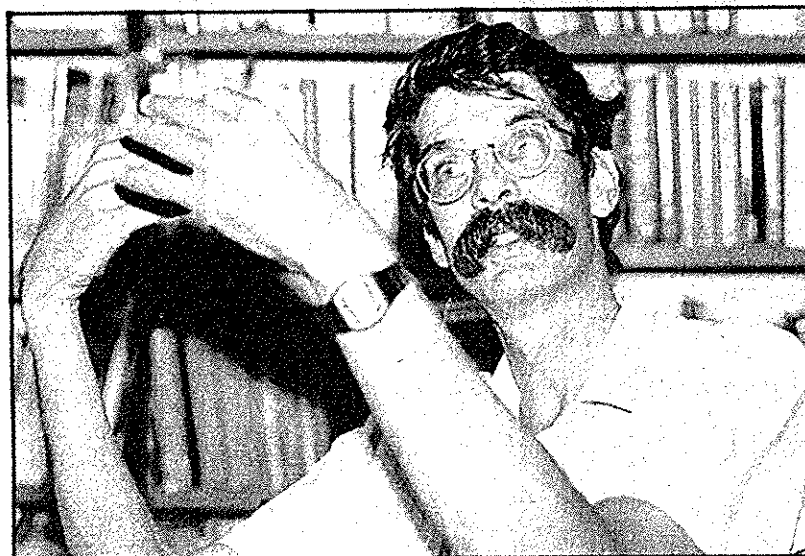
número preciso, mas é muito aquém das expectativas do Governo. Por exemplo, na Transamazônica e nos projetos de colonização de Rondônia, foram cedidos cem hectares para cada família. Eram as melhores terras para a agricultura. A Amazônia Legal tem cinco milhões de quilômetros quadrados. Se cada família receber cem hectares, daria para colocar cinco milhões de famílias. Mas esse é apenas o total de agricultores sem terra no sul do País. Mesmo que toda a Amazônia fosse loteada, não haveria espaço para a população brasileira que precisa de terra.

O GLOBO — Como é possível calcular a capacidade de suporte de uma região?

FEARNSIDE — A densidade observada nas reservas indígenas e extrativistas é sustentável. Entretanto, não se pode multiplicar várias vezes essas populações, como quer o Governo do Amazonas em seu projeto de assentamento extrativista.

O GLOBO — Existem regiões em que a floresta não conseguiu sustentar a população estabelecida?

FEARNSIDE — Existem vários exemplos. Em Bragantina, no



“O que a Amazônia tem para vender não está sendo vendido: serviços ambientais que mantêm o clima e a diversidade biológica”

Pará, onde havia agricultura tradicional, o solo se esgotou e a população teve que sair. Outro exemplo é o das fazendas que a Sudam incentivou ao longo da Belém-Brasília. Esses lugares não sustentam quase ninguém.

O GLOBO — Existem outras alternativas para o desenvol-

vimento sustentado na Amazônia?

FEARNSIDE — É preciso limitar a densidade da população. Não se pode imaginar que é possível multiplicar por dez o número de pessoas numa área, mesmo se o que estão fazendo é

sustentável. Para qualquer atividade há um limite. É preciso também desenvolver mecanismos institucionais, que não existem hoje, para devolver às pessoas que estão mantendo a floresta o valor desse serviço.

O GLOBO — Que serviço é esse?

FEARNSIDE — O que a Amazônia tem para vender e que não está sendo vendido: serviços ambientais que mantêm o clima e a diversidade biológica. Ninguém está pagando pela preservação. A função da floresta é garantir o equilíbrio ambiental e não gerar riquezas para pagar a dívida externa. Na prática, quem está pensando em investir no manejo da floresta, sempre compara essa atividade com outras opções de investimento. As árvores não crescem no ritmo de outros investimentos. As leis que regem o seu crescimento são as da Biologia e não as do mercado. Então é preciso determinar o que a floresta pode produzir de maneira sustentada.

O GLOBO — De que forma isso poderia ser feito?

FEARNSIDE — Bem, isso é uma dos temas a ser discutido

na Rio-92. Estão pensando em um tratado florestal e um outro climático. O Brasil tem que estar atento a essas negociações. A principal coisa que o País oferece ao Mundo é a preservação da Amazônia. Portanto, é preciso saber negociar.

O GLOBO — A floresta suporta a exploração de minérios?

FEARNSIDE — Suporta sim. Em Carajás, por exemplo, o impacto ambiental é mínimo. O problema é o beneficiamento no local, com o uso de carvão vegetal. Além disso, o ferro-gusa tem um preço muito baixo. Não é um bom negócio para o Brasil, especialmente quando se está jogando fora a floresta.

O GLOBO — Em quanto a floresta suportaria ser desmatada sem afetar sua função ambiental?

FEARNSIDE — Não há cálculos precisos. No caso do Efeito Estufa, não existe limite. Cada árvore que cai contribui para aumentar o problema. No caso das chuvas, há um limite mais ou menos definido, mas seu cálculo também não é simples. Vai aumentando gradativamente o perigo de se ter grandes secas que afetem o restante da floresta.